

Entrevista a Ronaldo Bressane

(Revista Trip, em 15/03/2002)

1. Qual sua formação como poeta?

A poesia passou a ficar importante para mim quando descobri que a linguagem andava à minha frente, puxando-me para onde ela queria que eu fosse, quando descobri que entre o que se fala e o que se acredita que se é tem um abismo imenso, uma fissura, uma racha. Nesse momento, percebi a vida, na linguagem, como perdição, como perplexidade infinda. E não foi mais possível me afastar da poesia, que se tornou meu próprio caminho. Heráclito, Empédocles, Nietzsche, Rimbaud, Edmond Jabès, Dostoievski, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa, Drummond e inúmeros outros pensadores, escritores e poetas foram e continuam sendo fundamentais para mim. Mas a rua também, o ouvido atento ao que está acontecendo, ao tempo presente, ao trânsito, é igualmente fundamental ao poeta.

2. Qual sua formação como boxeur?

Faço boxe amador, regularmente, três vezes por semana, duas horas a cada vez, com o S. Antonio Carlos, que foi treinador profissional e levou alguns de seus pugilistas a serem campeões brasileiros e disputar títulos internacionais. Além de excelente treinador, é uma ótima pessoa. Eu, entretanto, faço boxe apenas pelo prazer de fazê-lo. Gosto dos rituais (como colocar ataduras, luvas etc), gosto do clima, gosto dos treinos... sou um amador do boxe, em todos os sentidos dessa palavra. Meço 1,82m e peso 77 quilos, o que me colocaria, agora, no boxe amador, com uma recente alteração na classificação pela pesagem, como peso-médio.

3. O que dói mais: um pé na bunda ou uma porrada no queixo?

Uma porrada no queixo dói; no fígado, então, desconjunta o corpo todo. Chego a achar que ninguém é um homem de verdade se jamais tomou um soco no fígado. Mas nada que se compare a um pé na bunda. Veja só o Popó: quando a Eliana lhe deu um pé na bunda, ele cancelou até decisão de título mundial para reconquistar a namorada. Esqueceu os direitos no queixo, que nunca o fizeram adiar qualquer luta, muito pelo contrário. Felizmente, ele conseguiu reatar, casou, remarcou a luta e trouxe o título para nós, alegre da vida, mesmo tendo tomado umas porradas no queixo. Agora, um exemplo diferente: Machado de Assis já disse ser melhor cair das nuvens do que do primeiro andar. Se a D. Carolina, sua esposa, entretanto, tivesse dado um pé na bunda dele, ele mudaria rapidinho de opinião. Como ela foi inteiramente dedicada, terna, carinhosa, cheia de amor, cuidou de sua epilepsia e o casamento deles foi dos mais felizes, ele certamente acharia pior tomar uma porrada no queixo, já que nunca imaginaria tomar um pé na bunda. Eu, que, como o Popó, já tomei um pé na bunda e uma porrada no queixo, digo: bom mesmo é sobreviver a ambos.

4. Um soco no nariz pode ter o impacto de um verso? Se sim, teve algum que te derrubou?

Se já fui derrubado por um soco no nariz? No exato lugar, entre o nariz e o olho. Claro que sangrou, e, além disso, fiquei uma semana com o olho roxo, incluindo o Natal e o Ano Novo. São, literalmente, os ossos do ofício. Às vezes, você está bem, chega em casa e tem um círculo do tamanho de uma luva doendo no ouvido e em volta dele; aí você descobre que tomou um cruzado que não havia nem percebido. Mas eu, que busco uma poesia com pegada, costumo me perguntar: pode um verso ter o impacto de um soco? Claro que pode. E ainda mais! Uma boa linha tem a força de mudar uma vida. Houve comigo mesmo — no caso, não foi uma linha, mas um livro (o *Assim Falou Zaratustra*, do Nietzsche), que me fez tatear um novo caminho inteiramente diferente, e, esse sim, mais próximo a mim mesmo. Isso ocorreu há muitos anos, mas o soco de um verso, de um poema, de bons escritos continua me transformando. Você não tem como ficar imune a versos como *Qualquer que seja a chuva desses campos/ devemos esperar pelos estios*, ou então, *há sempre um copo de mar/ para um homem navegar*, ambos de Jorge de Lima; você não tem como manter a guarda levantada para livros como *Notas do Subterrâneo*, de Dostoiévski ou *Fome*, de Knut Hamsun, entre muitos outros. Mas os da literatura, são socos que, ao invés de nos derrubarem, nos revitalizam.

5. Que tipo de poeta você queria jogar na lona?

Aqueles que, deixando de lutar poeticamente, fazem mil tramóias para se manter de pé.

6. Quem são o Marciano, o Tyson, o Ali e o Sugar Ray da poesia brasileira?

O Tyson seria o Oswald de Andrade, que, para mudar o pensamento poético brasileiro, saiu batendo e derrubando tudo e todos que passassem pela frente dele. O Marciano, imbatível, com o impressionante cartel de 49 lutas-49 vitórias, poderia ser o João Cabral, um dos raríssimos poetas que jamais escreveu um poema ruim, ou melhor, que só escreveu poemas excelentes. O Ali, com sua maravilhosa dança, capacidade de absorção, inteligência privilegiada no ringue e no trato com as palavras, além de possuir uma excelente pancada (um lutador, enfim, completo), seria o Drummond. E o Sugar Ray Robinson, talvez, ao lado de Joe Louis, o maior estilista de todos os tempos, para mim, seria o Jorge de Lima.

7. Você acha que falta pegada à poesia brasileira atual?

A poesia atual é de uma grande fecundidade e abarca inúmeros poetas que não podem ser generalizados. Gullar, Manoel de Barros, Leonardo Fróes, Fernando Ferreira de Loanda (de Kuala Lumpur), Vicente Cecim e outros, cada um a sua maneira, têm uma pegada fortíssima. Se pensarmos esse "atual" como pessoas que começaram a publicar mais recentemente, digamos, nos anos 90, tem poetas também com ótima pegada, como Caio Meira, Antonio Cicero, Fabrício Carpinejar e Sérgio Nazar, só para citar alguns. Por outro lado, há poetas, de todas as idades, que, apesar de escreverem muitíssimo bem, fazem com que a erudição e a assepsia exageradas queiram submeter as manifestações das múltiplas intensidades da vida, da linguagem, do pensamento. Um dia, escutei um cara no ônibus, possivelmente um D.J., falando assim: *Não deixe que a cultura abafe a realidade!*

8. É possível ser agressivo e lírico ao mesmo tempo? Ou: o que têm a ver literatura e boxe?

Quase sempre, boxeadores e poetas exercem seu ofício por puro amor e necessidade, com inúmeras dificuldades, tendo que compartilhá-lo com a luta pelo sustento econômico. Se o próprio Mike Tyson já disse que *todo mundo se dá bem no boxe, menos o pugilista*, imagine o que pensam os outros boxeadores profissionais, sobretudo no Brasil. Sua pergunta, entretanto, não fala de poetas e boxeadores, e sim de literatura e boxe. Se lemos *A Luta*, de Norman Mailer, sobre o confronto entre Ali e Foreman no Zaire, descobrimos um livro excelente, assim como *O Boxe*, de Joyce Carol Oates, e os contos de Cortázar, Piglia, Hemingway e Jack London sobre o assunto. Acabei de ler uma bela biografia romanceada do Eder Jofre, escrita pelo Henrique Matteucci e publicada em 1962, da qual gostei muito. O Miguel Rio Branco, fotógrafo, fez um belíssimo ensaio, fotografando a academia do Santa Rosa, na Praça Mauá. Sinto poesia em inúmeras declarações de muitos pugilistas ao longo da história. Arte e boxe, assim, têm muito em comum: a preparação infinda, a radicalidade de uma entrega gratuita, a intensidade do instante criativo, a possibilidade do fracasso, a lida com o acaso e a espessura do real se manifestando por todos os cantos. Mas isso ainda diz pouco; a melhor maneira, então, para descobrir o que a literatura e o boxe possuem em comum é fazer literatura e boxe, ou então assistir lutas e ler bons livros; quem fizer isso, poderá descobrir a pegada da literatura e a poesia do boxe.

9. O que acha do Popó?

Popó é um desses lutadores autênticos, impulsionado pelas dificuldades da vida. Todo grande lutador (como todo grande poeta) tem que ter uma fissura dentro de si, uma racha que o torne obsessivo e não o faça aceitar a derrota com facilidade. Foreman levou dois anos em depressão para se recuperar da derrota para Ali — isso é um campeão. Popó, que sempre teve grande pegada, velocidade e sabe bater como poucos, tem melhorado ainda mais. Sua movimentação pelo ringue está cada vez melhor. Sua esquiva também: na luta contra Casamayor, ele deu um show de esquivas; em certo momento, o cubano desferiu uma série de uns oito socos perigosos, mas Popó conseguiu se esquivar de todos. É a dança do boxe. A tendência dele é melhorar ainda mais, com novas e difíceis experiências internacionais. Além disso, ele é uma simpatia, aquele sorriso aberto, aquela sensibilidade, a simplicidade estampada na face... Popó assume seus choros e sutis intimidades em público, o que é pouco comum entre pugilistas. Ele ainda nos dará grandes momentos, esse punho-de-ferro com coração de sorvete!

9. Você tem 2 programas para hoje à noite: uma luta clandestina do Tyson ou um livro inédito do Pessoa. O que escolhe?

Pego o livro e vou à luta.